

SUBJETIVIDADE MATERNA NO CICLO GRAVÍDICO: SEXUALIDADE E CONSTITUIÇÃO DA MATERNIDADE

Larissa Carvalho Pereira¹, Lucas França Garcia², Andréa Grano Marques³

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Bolsista PIBIC/Unicesumar. larissacp.8@gmail.com

² Professor, Doutor do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Pesquisador do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. lucasfgarcia@gmail.com

³ Professora, Doutora do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, UNICESUMAR. Pesquisadora do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. andreagrano298@hotmail.com

RESUMO

No ciclo gravídico-puerperal, a vivência da sexualidade é influenciada pelas modificações anatômicas, fisiológicas ou psicológicas. O objetivo deste trabalho foi investigar as repercussões da gestação na sexualidade de gestantes que realizam pré-natal pelas Unidades Básicas de Saúde do município de Maringá, PR. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo em que foram entrevistadas 10 gestantes que estavam no segundo ou terceiro trimestre e que possuíam entre 18 e 37 anos. Para coleta de dados utilizou-se entrevista semiestruturada com questões norteadoras que buscavam compreender como a gestação afeta a sexualidade feminina durante o período gestacional. Os resultados obtidos, a partir da análise de conteúdo, possibilitaram a compreensão de que a gestação afeta a vida sexual feminina, principalmente em função das mudanças corpóreas. Concluiu-se que a mulher ainda é acometida por preocupações e angústias que são resquícios de uma sociedade patriarcal que interferem diretamente em sua sexualidade, o avanço da gestação e a falta de informações prestadas pela equipe de saúde também são fatores extremamente relevantes nesse cenário.

PALAVRAS-CHAVE: Gestação; Relação Sexual; Relacionamento Materno-Filial.

1. INTRODUÇÃO

Os papéis sociais desempenhados pela mulher foram construídos e consolidados ao longo da história, determinando padrões de comportamento que se modificam de tempos em tempos, em maior ou menor escala (SOARES; CARVALHO, 2003). As concepções acerca da subjetividade e do corpo feminino também acompanharam as modificações políticas, econômicas, históricas e socioculturais, pois, no período patriarcal, a mulher tinha funções voltadas, prioritariamente, para a reprodução e era intensamente submetida ao poder masculino. Com o surgimento do capitalismo, a mulher passou a ter, não apenas funções reprodutoras, assumindo também, as tarefas produtoras no mercado de trabalho como resultado do maior espaço conquistado na sociedade (BORIS; CESIDIO, 2007).

Partindo do pressuposto de que no momento do nascimento de um filho existe a necessidade de atualização dos aspectos femininos em função da maternidade, a mulher precisa se reeditar para a chegada do bebê (FERRARI et al., 2006). E de fato, é na gravidez que a maternidade adquire um caráter de exercício, na medida em que já existe o bebê (PICCININI et al., 2011).

Existe um conflito interno entre estar gerando um filho e ao mesmo tempo sentindo vontades e desejos sexuais, que são sentimentos culturalmente não permitidos na gestação. Entretanto, durante a gestação, a vida sexual transcende o genital, e é muito importante para o casal, trazendo benefícios para a relação. No ciclo gravídico-puerperal, a vivência da sexualidade é influenciada pelas modificações anatômicas, fisiológicas ou psicológicas (CAMACHO et al., 2010).

A mulher fica emocionalmente lábil e ainda mais ávida por carinho, apoio e compreensão. Somando-se a isso as mudanças corporais, os tabus mantidos pela falta de orientação médica adequada e a ansiedade quanto ao parto e a maternidade influenciam

diretamente a resposta sexual feminina em todos os seus domínios (PRADO; LIMA; LIMA, 2013). Considerando ainda os preconceitos da própria mulher, os julgamentos e os preconceitos do parceiro e dos familiares, assim como o medo de afetar o feto durante o ato sexual, inseguranças em relação à autoestima, e inúmeras outras causas que deveriam ser discutidas mais abertamente pelos casais, tudo isso afeta e compromete a vivência da sexualidade feminina ao longo do período gestacional. Diante do apresentado, este estudo objetiva descrever como a mulher vivência sua sexualidade durante a gestação e como isso influencia na constituição da sua maternidade.

2.METODOLOGIA

Tratou-se de estudo qualitativo e descritivo. A amostra foi composta por dez mulheres grávidas que estavam realizando o pré-natal em Unidade Básica de Saúde na cidade de Maringá, Paraná. As gestantes foram selecionadas pelo método de amostragem intencional e incluídas na pesquisa após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo excluídas aquelas que estavam no primeiro trimestre da gestação no momento em que a pesquisa foi realizada.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, por proporcionar a possibilidade de melhor entendimento do discurso e de suas sutilezas, constituída de questões norteadoras que versaram sobre os aspectos da gestação que afetam a vida sexual feminina, atendimento na assistência pré-natal e constituição da maternidade. As entrevistas foram realizadas na Unidade Básica de Saúde em que as entrevistadas realizavam o pré-natal, gravadas em áudio e transcritas na íntegra pela pesquisadora.

Os dados transcritos foram submetidos a análise de Bardin (2011), que consiste em três etapas: pré-análise, exploração dos materiais e dos resultados e tratamento e interpretação dos resultados. Utilizou-se o programa QRS VIVO versão 11 para Windows para a exploração do material, pois esse programa foi projetado para analisar, organizar e encontrar informações em dados não estruturados, como as entrevistas, tornando os dados válidos e significativos. Após a seleção dos relatos pelo programa QSR NVivo versão 11 para Windows, iniciou-se a etapa de inferência e interpretação dos resultados, relacionando-os com as pesquisas mais recentes sobre o tema a ser estudado (BAZELEY; JACKSON, 2013).

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do Centro Universitário de Maringá-PR, sob o Parecer nº 3.197.419. Para assegurar o anonimato dos sujeitos as entrevistas foram identificadas pela letra M, que corresponde a inicial da palavra mulher, seguida da ordenação numérica correspondente ao número da entrevista.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres entrevistadas encontravam-se na faixa etária de 18 a 37 anos, sendo sete primigestas e três multíparas, que estavam na segunda gestação. Em relação ao estado civil, oito eram casadas, uma estava namorando e uma era solteira.

As mulheres entrevistadas nesse estudo consideraram que as mudanças corporais que ocorreram ao longo do período gestacional afetaram a relação sexual com seu parceiro, principalmente o aumento do tamanho da barriga que foi apontado como o principal fator, seguido da sensibilidade nos seios, como apresentado nos seguintes fragmentos:

"[...]Aí afeta né, o peito principalmente, por que aí rela e parece que tá dando um soco no peito da gente. A barriga crescer dá um desconforto, a barriga grande impede né, porque aí não tem a posição certa né, tipo aquela posição que você gostava, você não faz por que a barriga não deixa aí que faz a mesma posição é o que mais desconforta[...]” (M8)

“[...]Mais por causa da posição e do tamanho da barriga, não em relação a ter engordado mais, porque tudo muda né, tudo cai, a bunda cai. Por que gente não pratica mais exercício né, é mais uma coisa mais moderada. Mas mais em relação a barriga[...]” (M10)

Ao longo da gestação ocorrem diversas mudanças físicas e psicossociais na mulher, que geralmente influenciam diretamente sua atividade sexual, havendo a necessidade de adaptações pelas mulheres gestantes e por seus parceiros (BERTOLDO et al., 2018) Köhler et al. (2017) descreveram que fatores emocionais relacionados a aquisição do novo papel, ser mãe, as alterações de humor, a aceitação ou não da relação sexual nesse período também podem afetar a sexualidade feminina.

Para Camacho et al. (2010) o primeiro passo para vivenciar a sexualidade na gestação está em descobrir o desejo sexual na gravidez. O que cria um novo ponto de atrito para a mulher, que já está em um momento de transição e de identificação próprios da gestação. Conceber que em seu corpo está sendo gerado um novo ser e que este mesmo corpo deseja relacionar-se sexualmente gera uma dualidade de sentimentos em muitas mulheres. Romagnolo (2018) aponta para as questões emocionais, físicas, comportamentais, conjugais, mitos e crenças que englobam um conjunto de fatores que podem afetar a gestante e a relação conjugal. Cada gestante e cada casal viverá essa experiência de forma singular.

No presente estudo também se nota que, mesmo nos casos (que representam 4/10) onde a resposta foi *“não, não acredito que a gestação afete minha vida sexual ou meu status emocional”*, quando se analisa o discurso total da gestante, algumas falas se desalinham com essa afirmação, como:

“[...] então assim tem a questão do ego, de você, que eu tinha uma vida sexual muito ativa, que hoje eu já não tenho mais. Aí você fica “eu não saio mais”, até porque não tenho vontade, então assim, a cabeça fica à um milhão. Tem dia que eu tô só a paz de Jáh e tem dia que eu tô tipo; quero dormir. Então acho que o mix de sentimento que mais, acho que não vai parar, inclusive, acho que para o resto da vida vai ser assim[...]” (M7).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que as mudanças corporais, como aumento do seio e da barriga, assim como a constituição da maternidade são fatores apontados como chave na diminuição da libido. Esta pesquisa constatou que a falta de informação oferecida pela equipe pré-natal é um grande empecilho para a saúde sexual das mulheres. Portanto, é necessário capacitar as equipes de saúde para a realização da assistência integral à mulher gestante.

5. REFERÊNCIAS

BAZELEY, P.; JACKSON, K. 2013 **Qualitative Data Analysis with Nvivo**. London: SAGE Publications, Inc..

BARDIN, L. 2011. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70;

BERTOLDO, L. D; DIAS, M. A. B.; BOHN, J. C.; GOMES JUNIOR, S. C. Atividade sexual na gravidez: mudanças e abordagem do tema com profissionais da saúde. **Revista Científica Perspectiva Ciência e Saúde**, v. 3, n. 1, p. 42-56, 2018. Disponível em: <<http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/220>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012>
Acesso em: 5 mai. 2019.

CAMACHO, K. G.; VARGENS, O. M. D. C; PROGIANTI, J. M. adaptando-se à nova realidade: a mulher grávida e o exercício de sua sexualidade. **Revista de Enfermagem da UERJ**, v. 18, n. 1, p. 32-37, 2010. Disponível em:<<http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a06.pdf> > Acesso em: 5 jun. 2019.

FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. S. 2006. O narcisismo no contexto da maternidade: algumas evidências empíricas. **Psicologia**, v. 37, n. 3, p. 271-278, 2006. Disponível em:< <https://core.ac.uk/download/pdf/25531784.pdf>> Acesso em; 5 nov. 2018.

KÖHLER, B. S. M; PEREIRA, M. M.; FOLETTO, P. H. M.; MEDEIROS, B. M. Disfunções sexuais nos três trimestres gestacionais. **ConScientiae Saúde**, v. 16, n. 3, p. 306-366, 2017. Disponível em: <<http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/03/881627/7652-46770-2-pb.pdf> > Acesso em: 3 jul 2019.

MOURA, S. M. S. R.; ARAÚJO, M. F. A maternidade na prática e a História dos cuidados maternos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006> Acesso em: 6 abr. 2019.

PICCININI, C. A.; GOMES, A. G.; LOPES, R. C. S. A constituição da maternidade em gestantes solteiras. **Psicologia**, v. 42, n. 2, p. 246-254, 2011. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/25529806.pdf> > Acesso em: 5 jun. 2019.

PRADO, D. S; LIMA, R. V; LIMA, L. M. M. R. Impacto da gestação na função sexual feminina. *Revista de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 35, n. 5, p. 205-209, 2013. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032013000500003 > Acesso em: 5 jul. 2019.

ROMAGNOLO, A.N. Percepção de puérperas a respeito da influência do relacionamento conjugal no ciclo gravídico-puerperal. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Paulo. 2018. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1752/2/Adriana%20N.%20Romagnolo.pdf>> Acesso em: 5 jul. 2019.

SOARES, J. S.; CARVALHO, A. M. Mulher e mãe, "novos papéis", velhas exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. esp, p. 39-44, 2003. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa06.pdf> > Acesso em: 3 jan. 2019.